

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL**

Carolina Sausen

**“CAIXA-SURPRESA”: REGISTROS E REFLEXÕES DA  
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Santa Maria, RS  
2016

Carolina Sausen

**“CAIXA-SURPRESA”: REGISTROS E REFLEXÕES DA  
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão apresentado ao  
Curso de Especialização em Docência  
na Educação Infantil, da Universidade  
Federal de Santa Maria (UFSM, RS).  
Como requisito parcial para obtenção  
do título de **Especialista em Docência  
na Educação Infantil**.

Orientador: Maria Talita Fleig

Santa Maria, RS  
2016

Carolina Sausen

## **“CAIXA-SURPRESA”: REGISTROS E REFLEXÕES DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil**.

**Aprovado em 23 de setembro de 2016.**

---

**Maria Talita Fleig, Ms. (UFSM)**  
(Presidente/ Orientador)

---

**Eulália Beschorner Marin, Ms. (UNIJUI)**

---

**Kelly Werle, Dr<sup>a</sup> (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2016

## **DEDICATÓRIA**

A minha filha Lívia, que todas minhas conquistas são por ela e para ela; aos meus pais e irmãos que permitiram que eu tivesse uma infância feliz, e que dedicam suas vidas a fim de promover estímulos e carinho a fim de me ver bem. Minha eterna gratidão.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Universidade Federal de Santa Maria, pela qualidade do curso oferecido, público e gratuito.

A Maria Talita, minha orientadora, por ter paciência e compartilhar seus ensinamentos, orientando para a difícil tarefa de escrita e análise da minha prática.

À minha escola Maria Barriquelo, em especial minha turma da Pré-escola, que me motivava todas as manhãs para desenvolver um trabalho com comprometimento, responsabilidade e ética.

À minha filha, que todas minhas batalhas diárias são para ela e por ela, que ela com sua chegada me trouxe um amadurecimento e forças para lutar para ter uma vida independente e feliz.

À minha família, que nesses momentos me incentivaram a persistir e nunca desistir dos meus objetivos, me apoiando, principalmente, por me ajudar na tarefa de ser mãe, assumindo, muitas vezes, a responsabilidade que era minha.

À minha colega e amiga Camila Loureiro dos Santos, que compartilhou comigo momentos de ansiedade e incerteza, mas regadas de alegrias, pelas milhões de vezes que me socorreu e me encheu de ideias, admiro sua força de vontade e sua dedicação ao estudo.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização desse trabalho, e não estão nominalmente citados.

## SUMÁRIO

<b>1 O COMEÇO DE TUDO!</b> .....	<b>9</b>
1.1 AFLIÇÕES, ANGÚSTIAS E INQUIETAÇÕES: .....	16
1.2. DELINEAMENTO DA PESQUISA .....	19
<b>2 DESENVOLVENDO, REGISTRANDO E ANALISANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	<b>22</b>
2. 1 “CAIXA SURPRESA”: REGISTROS E REFLEXÕES .....	22
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>44</b>

## RESUMO

### **“CAIXA-SURPRESA”: REGISTROS E REFLEXÕES DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

AUTORA: Carolina Sausen  
ORIENTADORA: Maria Talita Fleig

Esta monografia de Especialização em Docência na Educação Infantil tem como foco a prática pedagógica na pré-escola, levando em consideração documentos como a Proposta Curricular do Município de Ijuí e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010). Com abordagem qualitativa, nesse trabalho optou-se por organizar e desenvolver um projeto que viabilizasse a participação das crianças em diferentes espaços e tempos de interações, descobertas e brincadeiras na Educação Infantil, considerando as demandas e interesses da turma: e analisar a própria prática docente a partir de registros e reflexões do projeto desenvolvido. Para a organização e o desenvolvimento do projeto denominado “Caixa Surpresa” com crianças de uma escola municipal de Educação Infantil de Ijuí, utilizou-se as observações, registros dos portfólios e reflexões, contribuindo para um trabalho de pesquisa e análise da organização da prática na pré-escola, onde foi possível repensar a docência, buscando novas possibilidades, considerando que o trabalho estava exposto e sendo compartilhado com toda comunidade escolar e familiar. Nesse percurso percebeu-se que, muitas vezes, foi necessário ouvir, propor, intervir e, até mesmo, silenciar por não ter respostas, para assim perceber o crescimento do grupo, [re]significando as experiências, constituindo-se uma professora reflexiva da prática.

**Palavras-chaves:** Educação Infantil. Docência. Prática Pedagógica. Reflexão.

## **ABSTRACT**

### **"SURPRISE BOX": RECORDS AND REFLECTIONS OF TEACHING IN CHILDREN EDUCATION**

**AUTHOR:** Carolina Sausen

**ADVISOR:** Maria Talita Fleig

This monograph on Specialization in Teaching in Childhood Education focuses on pedagogical practice in preschool, taking into consideration documents such as the Curricular Proposal of the Municipality of Ijuí and the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (BRASIL, 2010). With a qualitative approach, in this work we opted to organize and develop a project that enabled the participation of children in different spaces and times of interactions, discoveries and games in Early Childhood Education, considering the demands and interests of the class: and analyze the teaching practice itself From records and reflections of the project developed. For the organization and development of the project called "Surprise Box" with children of a municipal school of Early Childhood Education in Ijuí, the observations, portfolio records and reflections were used, contributing to a research work and analysis of the organization of the practice in the Preschool, where it was possible to rethink teaching, seeking new possibilities, considering that the work was exposed and shared with all school and family communities. In this way, it was noticed that it was often necessary to listen, to propose, to intervene and even to silence due to the lack of answers, in order to perceive the growth of the group, [re] meaning the experiences, constituting a reflective teacher of practice.

**KEY-WORDS:** Early Childhood Education. Teaching. Pedagogical Practice. Reflection.

## 1 O COMEÇO DE TUDO!

Mas se é amigo de fato  
A gente deixa como ele está  
É tão lindo, não precisa mudar  
É tão lindo é tão bom de se gostar  
E eu adoro  
É claro  
Bom mesmo é a gente encontrar  
Um bom amigo

São os sonhos verdadeiros  
Quando existe amor  
Somos grandes companheiros  
Os três mosqueteiros  
Como eu vi no filme

É tão lindo, não precisa mudar  
É tão lindo deixa assim como está  
E eu adoro e agora  
Eu quero poder lhe falar  
Dessa amizade que nasceu  
Você e eu  
Nós e você  
Vocês e eu  
E é tão lindo

*(Música "é tão lindo" de Al Kasha / J.Hirschom / Edgard Poças)*

Meu nome é Carolina Sausen, hoje com 32 anos de idade, e uma certeza nesse tempo de vida tenho: fui uma criança privilegiada com uma infância maravilhosa, onde resgato um pouquinho dessas vivências na escrita e reflexões seguintes.

Depois de um pouco mais de seis anos de formada no curso de Pedagogia, sentia a necessidade de me especializar e estudar mais sobre a infância, foi quando surgiu a oportunidade de fazer o Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, parceria da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Inicialmente veio o entusiasmo devido a minha luta por uma infância onde a criança pudesse vivencia-la de forma prazerosa e usufruir do que é de seu direito, sem estar atrelada desde cedo a uma escolarização precoce dentro das instituições de educação e a um processo de alfabetização nessa etapa.

A infância pela qual luto tem muito em comum com a infância com a qual vivenciei, de experiência e vivências incríveis e lúdicas, e por meio deste

memorial percebi a possibilidade de relatar e realizar uma crítica ao processo de vivenciar a infância na Educação Infantil. Ao começar estruturar meu memorial considerei elementos marcantes na minha vida e suas relações com minha vida profissional.

O começo de tudo...

Sempre fiquei na dúvida se sou a segunda ou a terceira filha do casal José e Querli, isso devido minha mãe ter a surpresa de ter em sua segunda gestação de gêmeos univitelinos. Na época, mais precisamente no ano de 1984, não existia a modernidade e facilidades médicas existentes nos dias de hoje, o acompanhamento de uma mulher grávida era muito mais restrito e o plano de saúde cobria apenas duas ultrassonografia, a qual por precaução o médico fazia uma no início da gestação e a outra no final. Nas 36 semanas de gestação ao fazer o exame, veio a surpresa que o bebê era sim uma menina que o casal tanto desejava, já que tinham um menino com 3 anos de idade, mas eram dois bebês.

Imediatamente veio o primeiro de vários sustos que o casal passou, como ter duas filhas naquele momento se estavam preparados para receber apenas uma criança. A situação financeira também não era favorável, pois eram um casal de trabalhadores assalariado, meu pai era funcionário administrativo da UNIJUI e a minha mãe era cozinheira do restaurante da universidade. Logo que veio a notícia e o desespero foi compartilhado com os demais familiares, e naquele momento todos se colocaram à disposição para receber bem os bebês. A minha vó paterna que morava junto de meus pais, logo saiu com uma das suas frases marcantes, em que parece que com sua sabedoria tudo se torna muito mais tranquilo “Onde se cria um, se cria dois e até três”.

No dia seis de agosto de 1984, eu e Patricia chegamos para agitar a família Sausen e ali se formou o trio do casal Vinícios, Carolina e Patricia. Casa com crianças é uma casa que tem vida, tem agitação, brincadeira, cheiro e bagunça. Ao menos é assim que me lembro da minha casa.

Eu e a Pati tínhamos uma ligação muito forte, éramos inseparáveis e, às vezes, nosso irmão nos permitia brincar juntamente da “galera dele”. Morando na cidade ainda pacata de Ijuí, ficávamos mais na rua, vizinhos do que dentro de casa. Nessa época, lembro-me de brincadeiras como esconde-esconde,

polícia e ladrão, catar coquinhos, brincar de casinha, com bola, festinhas na vizinhança.

Embora naquele tempo muitas crianças não tivessem acesso a uma Educação Infantil, meus pais optaram em nos colocar na escola, na mesma escola a qual o meu irmão já frequentava. Essa escolha foi muito mais do que uma necessidade de ter “onde deixar” as crianças e sim por eles já acreditarem em uma Educação Infantil que promovesse vivências escolares favoráveis. Portanto iniciei minha vida escolar com dois anos de idade na Escola Francisco de Assis, uma escola vinculada a UNIJUI, a grande diferença dessa escola era a visão construtivista que já tinham, onde as demais instituições eram assistencialistas.

A escola tinha uma linha construtivista, onde acreditava que o aprendizado se dava pela curiosidade da criança e das suas relações com seus pares. Percebia-se que nessa escola tinha uma preocupação com o olhar da criança e a sua produção de conhecimento. A criança não passava a ser escolarizada ou somente cuidada nesse ambiente, tinha a preocupação da construção de conhecimento através das vivências.

Tenho em minhas memórias diversas vivências marcantes, onde me recordo muito da atuação das professoras pelas quais passei e amei a cada uma delas como se fossem as “princesas” que eu tanto gostava na época. Sem entender sobre currículo, ou até mesmo o que era importante para a construção de um sujeito infantil, eu já me sentia completamente realizada e feliz indo para a “escolinha”, como carinhosamente chamávamos nossa escola. Hoje analisando e relembrando essas memórias consigo perceber que a atuação dos profissionais e seus métodos de metodologia de ensino muito se configuram com a proposta que hoje tento ter como proposta educacional e para aquele momento era uma educação inovadora, a qual dificilmente se encontrava em uma cidade de pequeno porte.

Nossa escola tinha um pátio “gigante” onde quase todo ele era coberto por areia, lembro que brincávamos muito nesse pátio de inimagináveis brincadeiras, as salas eram todas amplas e com um mobiliário pensado para crianças, tinha muitos brinquedos e principalmente o que mais eu gostava, muitas fantasias.

Hoje se fala muito em escola inclusiva, inserção de artes, música e educação física no currículo da Educação Infantil, tudo isso tínhamos, porém não imposta ou tratada de uma forma diferenciada. Consigo recordar de alunos “diferentes” que participavam normalmente de atividades iguais aos demais alunos e não lembro de presenciar, alguma vez, situação de preconceito. Tínhamos o professor “Paulão”, professor de Educação Física, ele nunca conceituou ou nomeou suas aulas, simplesmente ele entrava na salinha e pra nós alunos era o professor que vinha para fazer aventuras conosco. As atividades dele eram recheadas de ludicidade, e hoje tenho certeza de que todas aquelas propostas feitas por ele contemplavam o que trazem hoje as propostas curriculares da Educação Infantil.

Era uma felicidade ir para a escola, mas as atividades escolares eram somente oferecidas em um turno, diferente do que encontramos hoje na maioria das escolas infantis, onde a maioria das crianças frequenta a escola em tempo integral. No contra turno nossa rotina era quase a mesma, eu e meus irmãos acordávamos, íamos para sala ainda enrolados cada um no seu cobertor, tínhamos a primeira briga do dia pela disputa do sofá que dava de frente a televisão, depois do rápido atrito, o qual eu sempre perdia nos concentrávamos para assistir o “Xou da Xuxa”, o programa infantil que contagiava o país na década de 80. Porém tinha uma diferença muito grande no tempo que dedicávamos a assistir televisão se compararmos com as crianças atuais. Nove e meia da manhã era como um sinal, todas as crianças corriam para rua para aproveitar para brincar antes que alguém chamasse para almoçar.

Em pequenos fragmentos que me recordo da minha infância que considero muito feliz e muito bem aproveitada, com a sorte de ter passado por uma escola que favoreceu todo meu processo infantil. No decorrer de muitas outras histórias dos anos seguintes, vem uma data muito marcante na minha vida, o ano de 2002.

Esse ano eu iria concluir o Ensino Médio, na mesma escola que estudei desde meus dois anos. Mas ai veio a grande surpresa e o divisor de água na minha vida, aos 17 anos descubro que estava grávida, era uma menina imatura para assumir a maternidade, tanto que a gravidez foi escondida de todos por muito tempo, até a barriga começar a se manifestar. Em meio a insegurança,

vergonha e imaturidade optei em assumir aquela gestação, e mesmo grávida meus pais me fizeram continuar os estudos, porém impuseram algumas condições de responsabilidades para mim.

Pouco antes de dar à luz a minha filha Lívia, com auxílio dos meus pais, fui morar com o pai dela. Então ali iniciava uma nova fase na minha vida, onde me exigiu um amadurecimento e me impôs assumir responsabilidades de mulher e mãe. Com o nascimento da Lívia e a conclusão do Ensino Médio, meus pais me cobraram a continuidade dos estudos, na situação eu ainda não tinha tirado um tempo para pensar em um curso que eu gostaria de realizar, meus pensamentos e atenção naquele momento estavam inteiramente para minha filhinha que tinha acabado de nascer.

Com a indecisão na escolha de um curso para prestar vestibular, em uma conversa de domingo, minha madrinha, que era coordenadora do curso de Pedagogia na Universidade do Noroeste do Rio Grande do Sul (UNIJUI), me convenceu a fazer vestibular para Pedagogia. Analisando de primeiro pensamento, sentia que não era aquilo que eu gostaria de cursar, mas como a dúvida ainda era grande resolvi fazer vestibular, pois os créditos daquele curso eram mais baratos que os demais, e no meu pensamento eu faria as cadeiras do currículo básico e depois poderia trocar para outro curso sem ter uma perda.

Achei que estaria dando uma de esperta fazendo o que fiz, o que eu não esperava era ficar encantada com o curso e com vontade de continuar a fazer pedagogia até concluir o curso. O primeiro semestre passou, entre as dificuldades de ter um bebezinho que, às vezes, me acompanhava na faculdade e as responsabilidades de uma vida de adulto. Eu precisava arrumar um trabalho, pois só o rendimento do meu namorado não estava dando para sustentar a casa. Foi quando surge a oportunidade de ser auxiliar da Educação Infantil na mesma escola que um dia estudei.

Fui selecionada, eu era a nova auxiliar da Educação Infantil via bolsa CIEE<sup>1</sup>, no dia da entrevista com a diretora da escola Gisela, que foi a minha primeira professora alfabetizadora, me recordo de uma frase que ela me disse e marcou muito “Carol, você precisa saber que hoje a infância é muito diferente

---

<sup>1</sup> CIEE – Centro de Integração Empresa – Escola.

de quando você era criança”, essa frase foi um tanto decepcionante naquele momento, pois minhas recordações daquele lugar era de uma infância feliz.

No primeiro dia de trabalho já percebi o que a diretora tinha me falado, realmente as crianças tinham mudado e evoluído, porém para minha felicidade a metodologia de trabalho desenvolvida ali tinha muito do meu tempo. Foram dois anos de estágio maravilhoso, de muito aprendizado, e de conseguir trazer meus aprendizados para dentro da prática, assim como os conceitos e as teorias que a Pedagogia me trouxe como bagagem.

Ao finalizar o estágio, tive experiências frustrantes no Ensino Fundamental, pois vindo de uma visão já que a criança precisa ter sua infância respeitada, me deparei com um ensino tradicional onde esquecia que aqueles meninos e meninas ainda eram crianças. Essa escola, na qual eu fui regente de classe, tinha por objetivo “dar conta do conteúdo”, que a meu ver formavam alunos nada críticos e pouco curiosos, incapazes de se posicionar e questionar transformando-se em meros receptores de disciplina. Ao final daquele ano com muita indecisão pedi demissão da escola, aliviada por deixar um sistema educacional que não se assemelhava com o meu “ideal”, porém com muito medo do que poderia causar aquele impacto financeiro na minha vida.

Fiquei os dois meses seguintes me dedicando às disciplinas de férias já que havia atrasado algumas devido a Lívia ser pequena e tinha noites que eu priorizava permanecer com ela. No início do ano letivo de 2007, veio o convite para trabalhar na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Ijuí. Minha primeira reação foi de medo pois não me sentia preparada para trabalhar com a Educação Especial, mas tendo uma filha para sustentar aceitei o convite e fui contratada para trabalhar 40h na escola.

Confesso que foi o tempo de docência mais difícil que enfrentei, não devido às múltiplas deficiências que encontramos, mas sim pela dificuldade que tinha em lidar com a frustração de que nem tudo que eu preparava pedagogicamente era como eu esperava. Veio ali a oportunidade de começar a analisar minha prática docente, pois eu não admitia frustrações e não percebia, no início foi um sofrimento trabalhar dessa forma. Em seguida comecei a enxergar de outra forma e me desafiar a fazer o diferente para aquelas crianças. Considero essa experiência muito significativa para meu processo de formação humana, pessoal e profissional.

No tempo que atuei na APAE, trabalhei diretamente com crianças da Educação Infantil e estimulação precoce, onde foi gratificante fazer um trabalho com elas e as famílias de verem naqueles sujeitos não como “doentes” e sim crianças com os mesmos direitos e deveres do que as demais foi um trabalho lento, mas gratificante, conseguimos quanto equipe de trabalho ter um fortalecimento de vínculo entre as crianças, as famílias e escola.

Agosto de 2007 conclui a graduação em Pedagogia na UNIJUI, quanto alívio e felicidade. Teria mais tempo para minha família, teria oportunidade de procurar alternativas de trabalho, pois agora tinha um diploma na mão, já que não tinha cursado magistério. Realmente o tempo passou, comecei a realizar concursos para ter estabilidade profissional, até ser nomeada na Prefeitura Municipal de Ijuí em agosto de 2010 como professora de Pré-escola. Foi uma realização profissional, um orgulho para a família. Ao retornar para uma escola regular, inicialmente, me assustou, pois nesses três anos trabalhava com a educação especial. Deparei-me novamente com uma escola com um ensino mais tradicional e com uma característica muito forte na escolarização de alunos da Educação Infantil.

A partir de então resolvi assumir um novo desafio na minha vida profissional, mostrar que era possível ter uma Educação Infantil de qualidade sem precisar ensinar as crianças a ler e escrever. Para isso precisei mostrar a equipe pedagógica que as crianças daquela faixa etária tinham as necessidades próprias pertinentes àquela idade, e amparada por uma proposta pedagógica municipal, aos poucos fui tendo o respaldo e credibilidade na forma diferenciada que trabalhava com a minha turma de Educação Infantil.

O desenvolvimento da criança se dá nas iterações e oportunidades de elaborar suas próprias indagações e procurar respostas para suas perguntas e dificuldades. Respeitando cada criança, meu trabalho se deu com muita ludicidade, respeitando a infância e priorizando uma socialização construtiva.

Por muitas vezes, vi colegas de trabalho com caras tortas e com constantes críticas negativas da forma de trabalho que tenho, foi aí que comecei a sentir a necessidade de estudar cada vez mais sobre a infância para poder ter uma base mais fortalecida para fazer a defesa da infância que defendo e hoje é assegurada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

A vida me trouxe nesse processo outra surpresa muito agradável, a minha “paralela” de turma é uma pessoa maravilhosa, que juntamente comigo vestiu a camiseta da infância e enfrentamos muito para ter uma educação de infantil de qualidade, respeitando a criança. A Educação Infantil foi criando uma nova identidade na escola, e a cada dia tinha mais prazer de trabalhar lá, foram muitos momentos de estudos, de brincadeiras, fantasias, contação de história, teatros, aventuras e passeios.

No turno inverso, eu fui nomeada no Ensino fundamental na cidade vizinha de Ijuí, Augusto Pestana. Eu tinha muito prazer em ir trabalhar na escola do interior daquela cidade, mas me sentia de uma certa forma frustrada, porque me identificava em trabalhar com crianças menores, por isso não desisti de ir atrás do meu objetivo, e fui novamente nomeada em Ijuí para trabalhar com a Educação Infantil de zero a quatro anos.

Fui nomeada no concurso em 2014 com a carga horária de 40h na Educação Infantil, mas ainda sentia a necessidade de participar de um curso de formação para ampliar o entendimento do universo das crianças. E mesmo tendo uma rotina bem exaustiva, me desafiei a voltar estudar e me especializar naquilo que me realizo fazendo.

Sei que tudo que passei ainda não é o suficiente, tenho ainda muito a aprender e estudar, porém o curso já contribuiu muito com reflexões, onde pude rever, planejar e alterar minha prática pedagógica, para respeitar as crianças e seus direitos, e a partir disso realizar um trabalho com mais qualidade.

### 1.1 AFLIÇÕES, ANGÚSTIAS E INQUIETAÇÕES:

Sim, sou mulher, gosto de crianças e tenho paciência... mas não basta ter esses atributos para assegurar uma qualidade na Educação Infantil.

As experiências e vivências de vida nos dão uma base e somos o resultado delas e desses resultados é que construímos o que queremos ser e como vamos intervir na vida daqueles que passam por ela.

Então o que definimos como desenvolvimento profissional? É simplesmente o aprendizado: nossa tarefa é aprender por que somos educadores. Isso significa manter certa distância do equilíbrio

predominante, daquilo que já foi decidido ou considerado como certo. Significa ficar perto do entrelaçamento de objetos e pensamentos, de fazer e refletir, de teoria e prática, de emoções e conhecimento. Talvez a única forma seja buscar incessantemente – sem jamais encontrar – um equilíbrio entre regras e limitações (alguma das quais são, obviamente, indispensáveis) e a real emoção e paixão de aprender. (RINALIDI, 2016, p.255)

Durante a minha escolha profissional ouvi muitas pessoas relacionando a minha escolha profissional, somente, ao cuidado e à paciência com as crianças, dando uma dimensão apenas a relação de maternidade, sem se quer imaginar que o estudo da criança e sua infância mobilizam enormes conceitos do saber. A minha constituição de professora e minha postura profissional se dá por uma formação teórica e também por uma formação de vivências.

A Educação Infantil no longo de sua história teve muito descaso, hoje as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), fixadas pela Resolução Nº 5/2009 (BRASIL, 2010) dão o respaldo e credibilidade a essa primeira etapa da educação básica. Por historicamente a Educação Infantil estar vinculada à assistência social, muitas pessoas ainda associam a docência na Educação Infantil com esse lado somente maternal. Por isso, uma busca de problematizar a minha prática docente na etapa da infância e ir além de cuidar, mostrando tudo que podemos abranger na Educação Infantil.

Logo início, quando fui trabalhar com a Educação Infantil, percebi que muitas das minhas colegas, pois nesse espaço infantil a maioria ainda são mulheres, trabalhavam fortemente com o conceito do cuidar, não que o cuidar não esteja associado à educação, deixando a desejar nas inúmeras possibilidades que esse espaço poderia proporcionar de construção de conhecimento às crianças que ali dentro estavam.

Foi problematizando a docência nas escolas infantis que veio a minha indagação: quais eram as reais necessidades dessas crianças que frequentavam a escola? E se aqueles momentos dentro da instituição de educação lhes permitiam ter assegurada sua infância, ou estavam lá dentro apenas para assegurar o que a lei traz?

Como tive uma infância rica de possibilidades de explorações para construir conhecimentos, trazia fortemente comigo que esse espaço teria como oferecer muitas possibilidades, com um espaço pensado e organizado para

que as crianças identifiquem-se como seu, e através dele fazer suas construções.

Desde que entrei na docência muitas vezes me sentia despreparada, e de qual era o meu papel na educação Infantil, sabia que minha prática deveria estar perpassada pelo Cuidado/Educação, porém não tinha certeza de como isso ocorreria de uma maneira satisfatória no meu cotidiano, o conceito educar dentro da Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil é:

Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividade infantis. Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas etc) e construir sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças. (BRASIL, 2009a, p.10).

Para suprir minhas inquietações da prática na Educação Infantil, foi preciso construir uma base teórica de compreensão do que é a infância e seu papel em uma sociedade, e assim problematizar minha prática, para poder contribuir para a formação daqueles sujeitos que estavam sobre minha responsabilidade.

A Licenciatura em Pedagogia na UNIJUI proporcionou para minha formação muitas aprendizagens, no entanto a maioria das disciplinas era voltada para a formação e ensino de crianças em idade de anos iniciais, como a Educação Infantil teve sua consolidação em 1996, com a inserção na Lei de Diretrizes e Bases da Educação com a Lei Nº 9.394/96, muito dos professores do curso tinham inexperiência também nessa nova etapa da Educação Básica.

Considerando além de meu encantamento pela Educação Infantil e minha escolha, pois me tornei professora especificamente nessa área, sentia a necessidade de aprofundamentos teóricos sobre a infância. E esta oportunidade veio ao cursar o curso de especialização em Docência na Educação Infantil, a qual contribuiu com a qualidade do meu trabalho, mas

principalmente ampliando o meu olhar teórico e investigativo sobre as práticas junto com as crianças.

A curiosidade faz parte do cotidiano da criança, e se conseguir despertar a curiosidade para o saber isso irá auxiliar para a sua formação e construção de conhecimento. Para isso nós, professoras da Educação Infantil, devemos ter disponibilidade para potencializar suas “curiosidades” e transformar esses momentos em vivências significativas e construtivas. Nesse sentido, Fortunati e Zingoni (2014) afirmam a necessidade de se oferecer, não um esquema pré-definido de ações, mas um caminho para se prosseguir com conteúdo e significados, tomando forma a partir das experiências. Com uma atitude dinâmica e considerando os interesses e as necessidades de cada criança e do grupo, o papel da professora da Educação Infantil deve ser de selecionar diversas oportunidades e situações para orientar as experiências das crianças no grupo ao qual pertence. Para,

O educador representa, portanto, uma parte dos recursos disponibilizados pelas situações propostas e, nesta perspectiva, não se isenta das responsabilidades que são próprias de sua função, mas a interpreta de uma maneira diferente e eficaz, justamente porque como coprotagonista de uma história, que toma forma através das experiências cotidianas e não se impondendo como um sujeito que transfere conhecimento a pequenos espectadores, como se o conhecimento fosse somente uma história escrita pelos outros. (FORTUNATI; ZINGONI, 2014, p.72).

## 1.2. DELINEAMENTO DA PESQUISA

Optar por analisar minha prática, se tornou um caminho muitas vezes doloroso, pois faz repensar muitas das ações exercidas dentro da sala, comparando com um conceito que trago sobre o que é importante na infância. Costumo encarar as críticas que recebo de maneira flexível e construtiva, porém fazer uma análise da própria prática não se torna tão facilmente aceitável.

A partir das observações e registros da minha prática e levando em consideração os critérios estabelecidos pela faixa etária, de acordo com

Proposta Curricular do Município de Ijuí<sup>2</sup> e as DCNEIs, e acima de tudo respeitando a singularidade de cada criança e do grupo, surgiu o desafio de desenvolver com minha turma de 2016, crianças de pré-escola em uma Escola Municipal Infantil de Ijuí o projeto “Caixa Surpresa”.

Busquei garantir a essas crianças a possibilidade de tornar esse projeto em momentos de interações, brincadeiras, descobertas e ampliação das suas experiências culturais. Assim, a *organização da prática pedagógica na Educação Infantil* surgiu como minha temática de pesquisa. E a partir da qual formulei a seguinte problematização que orientou a escrita dessa monografia: *como organizar a prática pedagógica de modo a contemplar as demandas e interesses das crianças na Educação Infantil?*

Para efetivar a pesquisa elaborei os objetivos:

- Desenvolver propostas que viabilizem a participação das crianças em diferentes espaços e tempos de interações e brincadeiras na Educação Infantil, a partir das demandas e interesses da turma;

- Analisar minha prática docente a partir dos registros e reflexões.

A abordagem que viabilizou meu trabalho foi a qualitativa, tendo em vista que a pesquisa surgiu das manifestações e das relações das crianças na turma e comigo, a professora, no do contexto que estávamos inseridas.

Buscamos na pesquisa-ação (MOREIRA; CALEFFE, 2008) referência metodológica para desenvolver esse estudo monográfico, considerando que senti a necessidade de mudança, como praticante e pesquisadora, integrando “orientações teóricas e práticas” (p.92) no meu trabalho.

Portanto, a metodologia utilizada contribuiu para um trabalho de análise de práticas da Educação Infantil, que me fez repensar a prática docente, e buscar novas possibilidades para qualificar a mesma. Durante o desenvolvimento do trabalho utilizei os seguintes instrumentos para a coleta de dados: observação, registros fotográficos, intervenção e montagem do portfólio,

---

<sup>2</sup> Nessa visão, é de suma importância que a Educação Infantil constitua-se em espaço de escuta e respeito à criança, em relação a suas diferenças e singularidades. Para tanto, há que se garantir o seu bem estar, por meio de brincadeira, da imaginação, do respeito às diferentes manifestações, pelo seu modo de ser e de estar no mundo, uma vez que há uma íntima relação entre autonomia, individualidade e dignidade da criança. É indispensável, portanto, voltar os olhares para a infância que emerge nas escolas, a qual está a inspirar novos pontos de partida para a organização das práticas pedagógicas da Educação Infantil. (2014, p13).

os quais me deram subsídios para sistematizar e refletir sobre as propostas e as ações realizadas pelas das crianças durante a pesquisa no processo de interação estabelecido entre elas e eu.

O portfólio contém as informações obtidas no desenvolvimento do projeto, e foi o instrumento que permitiu a escrever os fatos ocorridos, anexar fotos, propostas desenvolvidas. As formas de registro são de fundamental importância para análise do professor contribuído para ver os avanços que as crianças obtiveram no processo, Barbosa (2008) ressalta que: “todas essas formas de acompanhamento podem auxiliar os docentes a verificar os avanços significativos, as dificuldades e o próprio processo de construção dos conhecimentos” (p.112).

## **2 DESENVOLVENDO, REGISTRANDO E ANALISANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

A proposta de trabalhar com projetos na Educação Infantil parte de uma concepção de educação e organização do trabalho na escola. Através dos projetos podemos abordar determinados assuntos permitindo uma aproximação com as experiências das crianças, de modo a ampliá-las. O trabalho com projetos traz uma flexibilidade para reformular percursos das ações e fazem com que as crianças sejam participativas e ativas, fazendo a professora repensar principalmente sobre as concepções de educação, oportunizando situações que valorizem sua cultura e curiosidade.

A pedagogia assume uma dimensão histórica que se alimenta do protagonismo integrado de diversos atores e que produz uma memória que representa o seu reflexo e um ponto de partida para explorar e construir novas perspectivas de experiências. (FORTUNATI, 2014 p.14).

Acostumamo-nos a pensar nas crianças enquanto alunos, onde já estão inseridas em espaços formais e educativos; hoje infelizmente muitas das nossas crianças estão inseridas na educação como um processo de institucionalização e repressão de seus saberes, e por isso é necessário construir novas possibilidades, para que as crianças sejam consideradas protagonistas. Por pensar a criança como protagonista, é que acredito que o trabalho por meio de projetos venha contribuir com o atendimento de suas necessidades, curiosidades, valorizando as suas individualidades, sua expressão, fazendo integração com o sentido de vida das crianças.

A curiosidade como inquietação, como inclinação do desenvolvimento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que surge alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fizemos. (FREIRE, 2013 p.33)

### **2.1 “CAIXA SURPRESA”: REGISTROS E REFLEXÕES**

A escola onde atuei e que referencia essa investigação, está localizada em um bairro de Ijuí, onde a maioria das crianças é proveniente de famílias de baixa renda, e a escola tem uma função importante em promover experiências educativas e culturais à comunidade. A escola acredita e destaca suas ações a partir da definição de criança, de acordo com as DCNEIs,

Sujeito histórico e de direitos que, nas suas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

A Escola Municipal de Educação infantil Maria Barriquelo, é uma das 10 escolas infantis do município, e no ano de 2016 atendeu 166 crianças, nas turmas de berçário, maternal e pré-escola nível I, e são ofertadas em tempo integral, com exceção da pré-escola em turno único.

A escola está instalada em um prédio que possui: 8 salas, sendo 4 delas com um tamanho bem espaçosas, todas climatizadas, possui três banheiros para as crianças e um banheiro destinados às professoras e funcionárias; possui uma sala das professoras grande, onde se encontram livros do acervo para as professoras e livros destinados às crianças; possui uma sala de brinquedos cobertas, onde são realizadas atividades extras; um pátio grande e arborizado com duas pracinhas, cozinha e refeitório, secretaria e sala da coordenação e direção, considero que a escola está bem equipada para atender às crianças e às famílias.

A escola tem seu funcionamento desde o ano de 1990, a escola possui um Projeto Político Pedagógico, porém ele esta sendo revisto pela coordenação e direção juntamente com a colaboração dos professores em reuniões de formação. O documento juntamente com a Proposta Municipal é um norteador das práticas pedagógicas, com isso a maioria das professoras já se desvinculou da proposta tradicional, e a maioria prioriza a participação das crianças.

A turma de pré-escola, nível 1, é composta por 24 crianças de idades entre 4 a 5 anos. Essas crianças na sua maioria já frequentavam no ano de 2015 essa escola, e, percebia desde o início as potencialidades das crianças,

que possuíam um desejo de aprender, e demonstravam isso no cotidiano, em suas brincadeiras e realização de atividades.

Pensando nas demandas da turma e estudando as DCNEIs e a Proposta da Educação Infantil do Município, surgiu a ideia de construir o projeto “Caixa Surpresa”, buscando garantir experiências diversificadas e com significado, onde cada família participou colaborando com novos objetos/alimentos/animais [...] Enfim tudo aquilo que provocasse a curiosidade e a exploração, e que pudessem compartilhar com os colegas e a professora, através desses objetos que se tornaram “objetos de exploração e descobertas”, e assim, as crianças foram aprendendo e reformulando novos conhecimentos em relação ao mundo físico, social e cultural.

Com a leitura de parte do livro “Caixa surpresa” da autora Ângela Carneiro, foi apresentado o projeto à turma:

A minha caixa surpresa  
É muito especial,  
Tem sonhos, luzes e cores  
E uma tampa de cristal.

Você está convidado,  
A conhecer meus segredos.  
Trate-a com cuidado  
Abrindo-a com a ponta dos dedos.

Não é um cofre trancado  
Mas nela guardo tesouros.  
Piratas e seres malvados  
Querem roubar o seu ouro.

Nem bombas, nem facões  
Rompem sua fechadura  
Mas se acaso conseguem  
Num passe de mágica pura  
Encontram uma caixa vazia.  
Sua Chave é bem leve:  
É a chave da fantasia.

Também guardo palavras,  
Minhas histórias preferidas,  
Versos, poesias, rimas.  
Contos de bruxa e de fadas.

Depois os mais lindos brinquedos,  
Pra ser feliz à vontade.  
Bonecos e bichos de pelo  
Falam e andam de verdade!  
Se quero rir tenho piadas,  
Trava-línguas e adivinhas,  
Muita anedota engraçada,

Pra me fazer companhia.

Invente você também  
A sua caixa surpresa  
E cultive como ninguém  
Sua verdadeira riqueza! (CARNEIRO, 2014)

Com muito suspense em uma manhã trouxe até as crianças uma caixa preta sem nenhum detalhe enfeitando-a. Logo que mostrei à turma em um momento de rodinha a curiosidade de todos se voltou àquela caixa. Ao ler a história, percebia já nos olhos das crianças as inúmeras possibilidades de explorar aquela nova experiência e transformá-la em momentos significativos para todos nós.

Tudo isso leva-me a pensar que a experiência da educação infantil precisa ser muito mais qualificada. Ela deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo e das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade e o desafio e a oportunidade para a investigação. (CRAIDY; SILVA, 2001, p.22)

As autoras contribuem para o entendimento desse processo, considerando que a criança manifesta seus desejos através de múltiplas linguagens expressando suas vontades e anseios imediatamente, por isso cabe a nós, educadoras, ter uma escuta sensível e partir dessa escuta ter mais clareza das intencionalidades pedagógicas, e disponibilidade para auxiliar no processo de desenvolvimento das crianças, respeitando ritmos, características e tempos de cada uma. No momento da revelação da primeira surpresa da caixa, aquelas crianças não podiam mais conter a euforia de saber o que de tão interessante tinha dentro daquela caixa, e ao abrir eles encontram um CHAPÉU, um simples chapéu que aos olhos daquelas crianças, naquele momento se tornava um objeto mágico, lúdico e especial.

Naquele momento da revelação da caixa, se estimulou através do lúdico a curiosidade de um novo saber, e esse lúdico permitiu às crianças trabalharem novos conceitos, permitindo à criança fazer exploração daquele momento valorizando o seu conhecimento e sua realidade, construindo novos significados, e dessa maneira a proposta mostrou-se mais atrativa.

Depois de aquele chapéu passar de mão em mão, cabeça por cabeça, ainda na rodinha foi proposta a formação de um mapa conceitual das informações que as crianças já tinham formulado sobre aquele objeto. Mostrando a importância de considerar os conhecimentos prévios trazidos pelas crianças, e assim dando a possibilidade dela compartilharem seus conhecimentos para os demais envolvidos, estabelecemos os conceitos que já sabíamos sobre o objeto, e discutimos tudo aquilo que gostaríamos de saber. Todas as crianças quando viram o objeto já dominavam algum conhecimento sobre aquele objeto, mostrando que já tinham um ponto de partida com o que mais poderíamos realizar as novas descobertas. Por isso, é importante valorizar as questões já trazidas nas atividades propostas e assim fazer da aprendizagem algo significativo para as crianças e elas se sentindo parte desse processo como atuantes.

Projetar a ação educativa a partir da organização de oportunidades representa para os adultos deslocar a atenção sobre o que as crianças sabem fazer para a maneira como as crianças desenvolvem suas experiências. Isso traz para o cenário um educador muito especial, um pesquisador, uma pessoa que consegue conviver com a incerteza, assumindo que ela seja a responsabilidade da escolha e condição indispensável para experimentar, discutir, refletir e mudar, concentrando-se nos processos de experiência e não nos resultados e mantendo no trabalho o prazer do espanto e da maravilha. (FORTUNATI, 2014, p.23).

Estava lançado o primeiro desafio da turma, durante aquela semana foram proporcionados vivências e estudos referentes ao chapéu, com inúmeras possibilidades de formulação de novos conhecimentos. Fizemos o estudo, quem são as pessoas e personagens que usam chapéu, para que ele serve, formas e formatos diferentes, foram construídos chapéus de papel e de argila. De uma maneira lúdica fomos aprendendo sobre aquele objeto e percebia o envolvimento das crianças no que estava sendo proposto. Passamos por histórias de soldados e acabamos com histórias de bruxas, e assim finalizou a primeira etapa da caixa surpresa com seu chapéu mágico.

A proposta da caixa consistia em ela ir para a casa das crianças e com o auxílio das famílias elas contribuíssem com algo significativo para criança, e aquela “surpresa” que viesse dentro seria o novo objeto de estudo da turma. E assim estipulamos na turma uma logística para a caixa visitar as famílias. A

participação das famílias no projeto “caixa surpresa”, se deu para criar vínculos entre a escola e a família, e essa participação foi de extrema importância, pois sabemos que o primeiro espaço de formação da criança é seu lar e o ambiente familiar, e é dentro desse meio que iniciam todo o processo de aprendizagem. Uma participação ativa e efetiva da família se dá, quando a família se sente parte desse processo, e esse foi um dos objetivos do projeto, aproximar a família da proposta realizada na turma, com o respaldo das DCNEIs, onde está escrito que a escola deverá assegurar a “participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização” (BRASIL, 2010, p.19).

Estávamos todos na expectativa do retorno da caixa após sua primeira visita à casa de uma das crianças. Era fascinante ouvir, antes mesmo de uma organização para abrir a caixa, as inúmeras possibilidades que as crianças já criavam sobre a surpresa que o colega tinha trazido. Cada criança com sua individualidade e seu jeito de ser e perceber o mundo trazia uma perspectiva para aquele momento, e elas juntas já não conseguiam conter suas expectativas, então revelávamos o que tinha de surpresa para aquela semana.

Um livro sobre felinos, trazido por um menino na sequência, e a informação da mãe, que nos revelou que ele adorava aquele livro em função do grande desejo de ter um gato como animal de estimação, foi muito significativo. Foi nesse momento que percebi que as surpresas que viriam naquela caixa seriam realmente algo que contasse das vivências e desejo daquelas crianças e trariam junto um pouco da história familiar daquela criança.

O livro foi um sucesso, primeiramente pelas novas palavras até então desconhecidas: Felinos, Carnívoros, mamíferos. Logo houve a manifestação das crianças que tinham gatos em casa, e essas crianças relatam suas vivências com gatos, mostrando que todos tinham já um conceito prévio daquilo que foi oferecido. E entre relatos e histórias ficamos um tempo significativo ouvindo tudo o que tinham a falar, expressar e [re]significar.

Ao observar as crianças com todos os nossos sentidos e sensibilidades, aprendemos, pelos modos de ser e de estar da criança na instituição coletiva de educação, que quanto mais dermos a elas espaços e tempo para expressar seus saberes infantis, mais elas nos apontarão novidades, mais conheceremos suas

manifestações e consolidaremos a pedagogia da educação infantil que desejamos. (AGOSTINHO, 2005, p. 73).

As crianças nos mostram suas opiniões na integração do grupo, constituindo em oportunidade para nós, educadoras, observarmos a relação entre elas e sobre tudo aquilo que estão expondo. Essa escuta e observação das crianças nos trazem elementos e informações muito importantes para que possamos conhecer e identificar as necessidades e interesses infantis.

Colhidas as informações trazidas pelas crianças, foi o momento de planejar novas situações e promover momentos para que as crianças sejam capazes de construir conhecimentos importantes para o seu desenvolvimento.

Planejar, fazer planos, projetar. Quem faz planos/projetos, sonha e imagina, “escolhe seu sonho”. Às vezes, sim, nossos sonhos quebram algumas coisas no seu percurso ou são atravessados por coisas que vão sendo quebradas ao longo do caminho. Isso faz parte da condição de estar vivo. Aquilo que chamamos de prática pedagógica, a nossa atuação como profissionais da educação, e aqui me refiro mais especificamente aos profissionais da educação infantil, consiste no tempo/espço em que nos deparamos com a sala de aula, ou seja, quando estamos frente a frente com a infância, antes abstrata, conceitual, pensada e discutida durante a nossa formação, agora materializada num tempo lugar. Olhos brilhantes, inquietos, risos e choros, cheiros e sabores, jeitos de fazer as coisas, inúmeros porquês, silêncios, histórias para contar, colos, fraldas, medos, dúvidas. (REDIN, 2007, p.83).

Esses momentos possibilitaram encontrar soluções para os questionamentos e interesses das crianças, e assim possivelmente contribuíram no desenvolvimento global das mesmas. Para ter êxito no planejamento foi preciso ter embasamento teórico e metodológico, estratégias de ações pedagógicas, e assim planejando ações significativas para o grupo, flexíveis e que foram considerando as demandas que ainda estavam por surgir.

Assim foi feito, coletadas as informações da turma, no momento de planejamento considerei, o que no início desse trabalho escrevi como sendo necessário para a Educação Infantil: Vivências, trazer aquilo que é do imaginário para a realidade. Então entrando em contato com algumas mães da turma consegui “emprestado” um filhote de gato, e esse pequeno felino virou o novo mascote da turma. Foram momentos conhecer um felino de perto e aprender sobre eles, querendo promover momentos de construção de conhecimentos, trouxe a eles um documentário retirado da internet para

mostrar as diversas espécies de felinos. Organizamo-nos para visitar a casa onde esse gato morava para vermos como era sua rotina junto de sua mãe, a visita contribuiu para discutirmos a questão de os felinos serem mamíferos. Enquanto elas observavam todas aquelas novidades, eu os observava e era visível a entrega e o interesse dessas crianças nas atividades oferecidas, o que estimulava a enriquecer o planejamento com mais informações e assim as crianças se envolviam totalmente com as propostas, e à medida que se motivavam a trazer de casa mais informações.

Outras questões sobre os felinos foram agregadas, foram inúmeras histórias, músicas, poesias e até releitura de obra de arte que complementaram nosso estudo. Foi uma semana que as crianças se envolveram bastante, e acabamos a semana refletindo sobre tudo aquilo que tínhamos aprendido. Fazendo uma reflexão das ações pedagógicas realizadas durante a semana, foi visível que as crianças manifestam suas curiosidades, questionando, formulando hipóteses, e aprendem quando são desafiadas através de vivências e experiências significativas.

O trabalho realizado por meio de projetos oferece oportunidades para a construção de habilidades e de atitudes inerentes à resiliência. Quando as crianças investigam assuntos de seu interesse, aprendem o que é satisfazer a própria curiosidade. Elas aprendem como fazer perguntas, como identificar adultos que podem lhes dar informações e como usar recursos disponíveis. Quando elas representam o que aprenderam, pela criação de uma brincadeira em, digamos, um hospital, minimercado ou festa, elas resolvem problemas e aprendem a trabalhar com os outros para encontrar solução. (HELM, 2009, p. 19).

Assim nossas atividades foram ocorrendo durante as semanas, e cada criança levava a caixa e a trazia com uma nova surpresa, e foram surgindo dentro da caixa, brinquedos, comidas, histórias, sempre carregada com uma nova possibilidade de aprendizado e de ampliação de seu repertório cultural.

Em uma das semanas tinha uma criança que aguardava ansiosamente para levar a caixa para casa, no dia que chegou a sua vez ele não se continha de tanta euforia, ele não podia conter tamanha emoção, e no mesmo momento que pegou a caixa olhou e já disse: “Profe, eu já sei o que vou trazer, e você vai adorar”.

Destaco aqui a importância em relação à documentação (observação e registros), pois através delas que conseguimos perceber o desenvolvimento e

construção de cada criança e do grupo. É nesse momento que a professora necessita ter um olhar mais sensível e interrogativo, tornando-se fundamental para perceber as experiências significativas, assim conseguimos compreender os modos com que as crianças se interessam e se envolvem com o que está sendo proposto e perceber a complexidade das ações. Valorizar esse momento de escuta demonstra que estamos preocupadas e envolvidas com o processo de desenvolvimento das crianças, bem como valorizando e reconhecendo que a criança faz parte desse processo, escutar as crianças é o reconhecimento de que ela é um sujeito de possibilidades. Oliveira (2012) ressalta:

A observação é um dos mais importantes instrumentos utilizados o elo professor. Exige colocar em ação um processo investigativo, pois se trata de um instrumento de pesquisa, não de confirmação de ideias pré-concebidas que serviram apenas para trazer exemplos do que já sabe. Ao contrário, ela se presta à pesquisa, a descobrir coisas novas. Observar exige mirar, reparar, notar, registrar, interpretar. Quanto mais trabalhamos a observação, mais e melhor podemos observar. (p.365).

A documentação é de fundamental importância, por isso dentro da minha prática na Educação Infantil faço a construção de um portfólio, onde registro neles momentos e falas significativas, anexando criações dos grupos e individuais, fotos como uma maneira de registro de imagens observando momentos e ações significativas, assim deixando esse material mais detalhado para o acompanhamento dos acontecimentos e eventos habituais. Helm Beneke(2009) traz em seu livro que os objetivos da documentação é:

Há uma forte relação entre um bom projeto e uma boa documentação, mesmo havendo muitas maneiras de registrar e compartilhar. Alguns dos propósitos da documentação são a condução do ensino, a avaliação individual de cada criança, o estudo de pedagogia e a comunicação sobre o processo educacional. Nas salas de aula em que o professor está enfrentando desafios, muitos, se não todos, desses tipos de documentação poderão ocorrer. (HELM; BENEKE, 2009 p.145).

Momentos e significações, todas eram “rabiscadas” junto ao meu portfólio, pois para conseguir analisar as observações e ver a importância do que estava acontecendo através de reflexões das ações educativas e a partir dela organizar novas ações assim conduzindo o processo educativo, o

educador que estimula, brinca e analisa mostra seu comprometimento com a Educação Infantil.

Projetar a ação educativa a partir da organização de oportunidades representa para os adultos se deslocar a atenção sobre o que as crianças sabem fazer para a maneira como as crianças desenvolvem suas experiências. Isso traz para o cenário um educador muito especial, um pesquisador, uma pessoa que consegue conviver com a incerteza, assumindo que ela seja responsabilidade da escolha e condição indispensável para experimentar, discutir, refletir e mudar, concentrando-se nos processos da experiência e não nos resultados e mantendo no trabalho o prazer de espanto e da maravilha. (FORTUNATI, 2014, p.23).

Ao refletir sobre a ação educativa praticada em situações planejadas ou não traz inquietações de como favorecer o processo de aprendizagem para essas crianças inseridas nessas práticas, onde as favorecidas sejam elas. Por isso a importância de se ter registros e anotações de tudo aquilo que está acontecendo dentro do processo, é nela que se faz pensar e refletir sobre as ações, e é através desses registros que podemos observar o desenvolvimento do trabalho bem como as falhas que neles existem e principalmente apontar as evoluções construídas individualmente e no grupo.

A importância do registro vai além do ato de escrever as nossas observações, vale ressaltar que além de registro escritos me preocupei em ter outros tipos de registro como: fotografias, filmagens, desenhos, anotações e produções das crianças. Fazendo assim a documentação do que vinha sendo desenvolvido. Esse material auxiliou para não somente continuar o projeto e sim repensar a minha prática para melhor intervir nas ações seguintes. Freire (2013) ressalta a importância dos professores em repensar suas práticas e assim estarão viabilizando o constante aprendizado proporcionando assim o desenvolvimento aos alunos e principalmente respeitando os conhecimentos prévios de cada um deles.

O pensar certo sabe, por exemplo, que não é a partir dele como um dado que se conforma a prática docente crítica, mas sabe também que sem ele não se funda aquela. A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarmada”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a *curiosidade epistemológica* do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação

docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro de poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 2013, p.39).

Na semana seguinte, na segunda-feira, ao abrir a caixa trazida pelo menino, dentro havia um pão caseiro. No primeiro momento, quando eu me deparei com aquele alimento, pensei o que deveria ter de tão empolgante naquele pão tinha de significado para aquele menino. Então deixei que ele mostrasse o objeto surpresa para a turma e deixei ele se manifestar sozinho fazendo seu relato da escolha do alimento para trazer para a turma.

O relato emocionou a todos, pois nele o menino contou que a tia fazia pão todas as tardes para vender, porque ela precisava conseguir dinheiro para ajudar a cuidar dele e do filho dela. Ainda relatou que no dia que foi morar com a tia eles foram a um supermercado muito grande, o qual até então o menino desconhecia, por fim ele disse que trouxe o pão porque era o que ele fazia todas as tardes junto com a tia e adorava quando o primo chegava da escola e eles poderiam comer junto pão e tomar uma xícara de leite.

Com o relato dessa criança, se abriu um leque de possibilidades de estudos. A partir do relato do menino, as crianças iniciaram uma grande troca de informações e de um diálogo intenso. Dentro de seus relatos surgiram seus conhecimentos através dos hábitos familiares, descrevendo a importância do pão para as famílias e tudo aquilo que conseguiam relacionar com o pão. Nesse momento procurei ter a sensibilidade de representar a turma aquilo que o pão representava para o menino.

A criança traz sempre suas experiências sociais e culturais, traz consigo a sua bagagem de relações e interações que lhes acompanha desde cedo, e assim recria as experiências sócio-cultural as quais vivenciou com seus familiares. A criança nesses momentos expressa o seu modo de “ser” com tudo aquilo que lhe influencia, por isso cabe ao professor dar importância aos aspectos que influenciaram o desenvolvimento cultural dessa criança e assim promover mais situações de aprendizagens significativas para a criança, pois ela reconhecerá sua história.

Assim, importa enfatizar que a criança vive em uma sociedade que produz culturas, convivendo e interagindo com suas várias facetas – que denominaremos cultura geral -, assumindo que as crianças também são produtoras de elementos culturais próprios (que contempla a especificidade da infância), quando percebemos seu modo de relação com a cultura representada pelo adulto. (MARTINS FILHO, 2005, p.22).

É importante a valorização da cultura da criança, bem como a participação da família no processo dentro da escola, assim valorizando aquilo que ele e sua família têm a contribuir, Martins Filho (2005) reforça dizendo que:

Ao perceber as indicações que os pequenos estão dando, ao demonstrar que os conhecem bem, é necessário que as professoras também estejam atentas para as concretudes dos meios culturais e sociais aos quais as crianças estão inseridas. Isto é necessário para um relacionamento mais sólido e verdadeiro com cada menino ou menina, bem como com suas famílias. Essas condições de vida determinam modos de viver a infância, que estou entendendo única, nem genérica, mas histórica, cultural e social. (MARTINS FILHO, 2005, p.55).

Certamente o protagonismo deve ser da criança, mas essa experiência mostrou a importância da relação do contexto familiar com a aprendizagem da criança. Pois a educação não se dá por si só ou somente dentro das escolas, ela precisa ter um esforço coletivo entre a escola e a família, já que considero a participação da família como importante para o aprendizado da criança, pois é nela que a criança realiza as primeiras e mais importantes experiências de sua vida. Cabe a nós professores estimular e valorizar a participação familiar dentro da escola, bem como considerar os importantes fatos familiares para aquelas crianças. Assim a vida familiar e escolar devem ser companheiras onde se complementam sendo assim somatórias para o desenvolvimento global da criança. Fortunati (2014) traz que a escola não deve ser vista como uma separação da família.

A perspectiva sistêmica do desenvolvimento humano é a que mais nos ajuda a entender a importância das relações entre o contexto familiar e o contexto educativo. Esta perspectiva, na verdade, refere-se ao desenvolvimento como ação conjunta entre crianças e as pessoas que cuidam delas, valorizando as trocas contínuas e recíprocas, entre os diversos contextos nos quais crescem as crianças. (FORTUNATI, 2014, p.58).

Provida de informações fui elaborar o projeto sobre o pão, esboçando algumas atividades, e fui ao encontro da tia do menino para que ela pudesse

contribuir para a realização de algumas atividades pensadas, já que ela para o menino era uma grande conhecedora sobre a produção de pão, que, prontamente, concordou com a participação e contribuição no desenvolvimento do projeto.

Esse projeto permitiu muito a participação das famílias no decorrer dele, acredita-se dessa importância dessa participação, pois é na família que a criança constrói os primeiros conceitos e experiências, e a família junto com a escola precisa se parceira, considerando que a Educação Infantil complementa a educação familiar. Oliveira (2007, p. 181) destaca: “O professor [...] deve possuir habilidades para lidar com as ansiedades da família e partilhar decisões e ações com ela. Se isso ocorrer, a família terá no professor alguém que lhe ajude a pensar sobre seu próprio filho e a se fortalecer como recurso privilegiado do desenvolvimento infantil”.

Foram propostas diversas experiências com o auxílio da tia, ela fez relato do seu trabalho e convidou toda a turma para ir fazer as compras e na sequência fazerem a receita ensinada do pão. Muitas dessas crianças não tinham tido a oportunidade de conhecer e realizar compras no supermercado. Acredito que esses momentos de vivências oportunizam às crianças interagir, explorar e aprender de maneira lúdica e significativa, e a criança aprende com mais facilidade quando se interessa pelo assunto e cabe, a nós professoras, proporcionar possibilidades diferenciadas de experiências, por meio da organização de visitação de diferentes espaços.

No supermercado foi dada autonomia delas fazerem as compras conforme o que tínhamos listado no momento anterior quando era construída a lista na escola. Cada grupo de crianças ficou responsável de achar os ingredientes e levar até a caixa. Foi uma atividade, inicialmente, bastante tensa devido à euforia das crianças, conseguimos realizar com êxito e foi gratificante perceber a satisfação ao realizarem compras “sozinhas” no supermercado.

Quando as crianças se interessam por um assunto, elas pensam sobre ele, envolvem-se intelectualmente e buscam lembrar o que viram e aprenderam. Elas veem razões para usar habilidades acadêmicas, tais como medir, classificar, contar, rotular, diagramar e criar gráficos. O interesse inspira-as a usar sua imaginação e pensar de maneira criativa. À medida que reforçam suas aptidões para a curiosidade e para a investigação, eles desenvolvem um sentido mais completo e profundo de seus ambientes e experiência. Nós

buscamos levar as crianças a tentar entender uma experiência, a teorizar, analisar e criar hipóteses; a fazer e verificar previsões; a busca de soluções para os problemas e especula sobre relações de causa e efeito. (HELM; BENEKE; SCRANTON; DOUBET, 2005, p. 85).

Nesse sentido, a experiência de fazer escolhas e realizar as compras, gerou discussões acerca dos produtos mais em conta, em termos de custo e benefício, e com isso as crianças estabeleceram relações quantitativas e de comparações entre características dos produtos. O contexto foi significativo considerando que as crianças fizeram descobertas interessantes e aproximações das noções matemáticas e das soluções possíveis aos problemas cotidianos.

Como professora me surpreendeu a atenção das crianças, pois no momento de realizar o pagamento eu subestimei o valor total das compras, por isso efetuei o pagamento com o cartão, e nesse momento uma das crianças da turma questionou como iríamos levar as compras se na verdade eu ainda não havia pagado por elas. Ficou evidente que para aquela criança e também outras, a única forma de pagamento conhecida era o das cédulas e moedas. Aproveitei para explicar as formas de pagamentos, e como elas também são válidas, e o questionamento dessa criança trouxe a tona um problema que de repente passaria despercebido se não tivesse a flexibilidade de realizar a escuta dos questionamentos das crianças. Esses momentos são propostos para que as crianças possam expressar suas ideias, hipóteses e dúvidas, e para entendermos na prática a resolução de desafios como uma atividade essencial para a criança se mobilizar e construir novas explicações para as situações em que vivem. As diversas situações do dia-a-dia na Educação Infantil, afirma Oliveira (2007, p.222), são referências à criança para a “construção de novos significados e a modificação de outros anteriormente formulados conforme o educador também organiza a atividade e seleciona os materiais para ela explorar”.

Essa curiosidade trazida pela criança, demonstra o envolvimento delas dentro daquela atividade, conseguindo manifestar aquilo que ainda não foi resolvido somente pela experiência e vivência. Salles e Farias (2012, p.63) ressaltam que “associadas à curiosidade estão as atitudes de exploração e

experimentação, como estratégias para conhecerem e se familiarizarem com o que lhes é estranho, como forma de aprendizagem”.

O professor deve ter essa flexibilidade de ver possibilidades nas ações e nos questionamentos das crianças, pois é ele o responsável pela organização dos tempos, dos espaços e dos materiais que serão disponibilizados e assim contribuir para o seu desenvolvimento. Para isso, é necessário estar disposto para construir uma proposta que desenvolva as potencialidades das crianças e que elas sejam protagonistas e o professor seu aliado para que juntos sejam capazes de produzirem cultura e conhecimento. É importante o professor trazer essas vivências para suas práticas e que esses momentos sejam espaço de reflexão possibilitando o desenvolvimento de crianças pensantes e atuantes.

Realizar uma receita foi uma oportunidade para a minha própria construção de novos saber, foi uma oportunidade que juntamente com as crianças onde aprendi o processo que é realizado para confeccionar o pão caseiro. Nós educadoras somos responsáveis por propiciar situações em que as crianças se apropriem do conhecimento, e como a professora não é detentora do saber é sempre bem vindo o auxílio de demais pessoas que venham a colaborar com a construção do conhecimento, e mesmo que na oportunidade o pão confeccionado pela turma não tenha “crescido” conforme o esperado, todos os momentos foram muito aproveitados para formulação dos saberes. Em uma nova oportunidade após degustar o pão foi discutido porque será que o pão não tinha crescido, e dois fatores foram considerados a temperatura, no dia fazia uma manhã muito fria, e o pequeno tempo de fermentação.

Devido ao fato de que os projetos progridem de acordo com os interesses e necessidades das crianças, os professores necessitam de um modo preciso para reunir informações sobre o que as crianças estão fazendo, o que estão perguntando e o que estão pensando durante o desenrolar do projeto. (HELM, 2009, p. 145).

Sempre que planejamos uma proposta queremos que ela ocorra como esperado, mas infelizmente nem sempre sai como planejamos ou ocorre alguns imprevistos, foi o que aconteceu com o pão, por isso é necessário que o planejamento seja flexível e que o professor nesse momento tenha uma

sensibilidade no olhar para observar de forma receptiva esse novo momento e refazer novos construção a partir das novas hipóteses.

Na semana seguinte já depois de termos explorado “o pão” recebemos dentro da caixa surpresa um bolo, para meu entendimento de situação não tínhamos muito além do que já tinha sido explorado com o pão, pela semelhança dos dois alimentos e sua forma de produção, e nesse momento o foco intencional do planejamento estava direcionado onde propus a construção de um mapa conceitual sobre o bolo e a origem dos ingredientes deles. Procuramos estabelecer uma pesquisa multidisciplinar, envolvendo áreas distintas como aprendizagem significativa, por meio da atribuição de novos sentidos, por meio de experiências e expressões com diferentes linguagens.

E para ilustrar o uso do mapa conceitual, segue, na ilustração, o mapa confeccionado juntamente com as crianças, com suas hipóteses formuladas:

- Bolo é um alimento;
- É composto por farinha, ovo, leite e açúcar;
- Existem vários tipos de bolos como: chocolate, cenoura, nata e de aniversário;

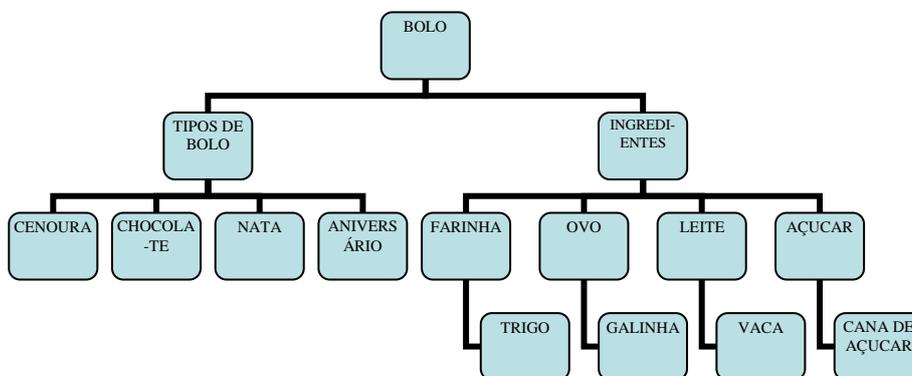


Ilustração1: Mapa conceitual, construído com a turma do pré sobre o Bolo.

A criança observa o seu contexto (espaço físico e social), e de alguma forma tenta responder a si próprio os seus questionamentos, e cabe à Educação Infantil oferecer experiências que incentivem essas curiosidades, incentivando a exploração, o encantamento e os questionamentos. Isso está de acordo com as DCNEIs, quando essas propõem: “incentivem a curiosidade, a

exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e a natureza” (BRASIL, 2010, p. 27).

Então após a construção do mapa conceitual planejamos a visita na escola fazenda do município de Ijuí, com o objetivo de proporcionar uma vivência em contato com o mundo natural, explorando o meio ambiente, buscando significados para aquilo que já haviam trazidos como conhecimentos prévios.

Diferente da rotina da qual essas crianças estavam acostumadas, no dia que fomos à escola fazenda para muitas daquelas crianças a primeira grande experiência foi andar com o ônibus. O trajeto demorou um pouco mais de 10 minutos, mas percebíamos nas falas e atitudes a ansiedade das crianças com a visita, logo perceberam que aquele espaço era diferente da vida na cidade, a vida na fazenda era calma, cercada de muitos verdes e animais. O passeio para a escola fazenda proporcionou uma vivência rural, onde oportunizou às crianças conhecerem animais típicos de uma fazenda e produtores de alimentos primários, como a vaca, galinha, ovelha e porco. Acompanhados de monitores, alunos do curso de Técnicas agrícolas, as crianças puderam alimentar os animais e conhecer as peculiaridades das espécies.

A visita foi uma experiência única, onde se destacou o momento da ordenha, pois além de acompanharem o processo de retirada do leite, todos quiseram provar o leite tirado diretamente da vaca, para qual a maioria causou um estranhamento de sabor com o leite puro. Para finalizar o passeio as crianças visitaram o espaço de cultivos de hortaliças e verduras e cada um pode colher uma hortaliça para levar de presente para casa.

As crianças tiveram oportunidades de conhecer as cadeias produtivas dos alimentos, a origem desses alimentos, como eles são produzidos e armazenados. O aprendizado da criança deve estar associado ao lúdico onde ela possa experimentar, sentir e vivenciar. Acreditando nisso quantas maiores possibilidades lhe forem dadas são maiores as chances de ela sentir-se um ser integrante e transformador do mundo que está inserido. Assim como afirmam Salles e Farias:

Podemos assim afirmar que a identidade da criança se constitui nas relações que estabelece com a diversidade de sujeitos, nos diferentes espaços, em contato com a diversificadas manifestações culturais que fazem parte do seu contexto de origem. Essas vão se ampliando, ao longo do seu processo de desenvolvimento/aprendizagem, na relação dialética entre fatores biológicos e culturais, ou seja, as crianças, na vivência de experiência significativas, vão construindo suas funções mentais superiores, que determinam novas maneiras de se inserirem no mundo, à medida em que estão em contato permanente com a cultura, medidas pelas múltiplas linguagens.(SALLES; FARIAS, 2012, p.83).

Ao longo do tempo fomos enviando a caixa surpresa para as outras crianças, onde cada qual foi trazendo objetos de estudos para compartilhar juntamente com a turma, e a cada dia que a caixa chegava percebia neles que a vontade de descobertas e entusiasmo durante todo o processo de realização do projeto. Nessas semanas passou inúmeras novidades diferentes, houve visitas de bichos de pelúcia, o Beleléu, varinha mágica, cesto com frutas, diversos brinquedos favoritos das crianças até que para finalizarmos nossa “caixa Surpresa”, virou a nossa “Caixa mágica”, onde permaneceu com a nossa turma e tudo nela era possível se realizar e transformar, ela era o novo objeto de imaginação dentro da sala da turma da pré-escola.

Uma das grandes conquistas do projeto foi a motivação para a aprendizagens as quais as crianças se envolveram, pois esse projeto estimulou a não encontrarem respostas prontas e sim motiva-las para a pesquisa onde a criança percebe a relevância de cada objeto a ser estudado. Com o objetivo de motivar a ver as coisas com outro olhar, um olhar mais crítico elas começaram a se ver como seres que aprendem e resolvem seus problemas e assim desenvolvem sua autoconfiança.

O projeto desafiou a turma ir além, estimulou as crianças a vivenciarem mais através de pesquisas, buscas e troca de informações e principalmente as novas vivências realizadas onde cada um foi protagonista da construção do seu saber pois tudo foi elaborado e desenvolvido com as crianças e não para elas.

Para ter êxito em o que se propõe às crianças é extremamente importante estarmos atentos às necessidades e aos interesses do grupo, pois é isso que as motiva a serem participativos e ativos dentro das propostas. É necessário que as crianças se envolvam nas atividades que estão sendo proposta para que as mesmas conceituem de forma positiva os novos saberes.

A minha experiência com o projeto “caixa surpresa”, apesar de eu ter encontrado algumas dificuldades foi onde tive oportunidades de colocar em prática os aprendizados que tive, durante minha graduação e repensando na minha docência e também no curso de especialização em Docência na Educação Infantil.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos oferecer às crianças na Educação Infantil que vai muito além da sua socialização, é necessário garantir qualidade do processo de ensino, passando pelo conhecimento de mundo e por sua formação social e pessoal. Que esse processo reconheça a criança como sujeito histórico e de direitos. A professora precisa ter um papel provocador e incentivador do ato de conhecer o mundo, como também provocar momentos de desequilíbrios e mudanças.

Quanto ao professor, nesse contexto, este assume papel importante estando sempre disponível e receptivo, a colocar-se no nível da criança, ouvi-la e aceitar o que vem dela. A busca é por promover uma ideia específica de educação que envolva não apenas os direitos das crianças, mas também dos adultos. O educador é aquele que organiza o ambiente e o clima de confiança, de aceitação, cooperação, de afetividade, assumindo tudo que a liberdade pressupõe: limitações, frustrações, necessidades de organização para que o trabalho possa ser bem desenvolvido. (MARTINS FILHO, 2005 p.97).

Com certeza esse projeto foi uma experiência que acabou em muita alegria e satisfação. O fato de ver o projeto ser desenvolvido com tanta empolgação pelas crianças e ter as famílias como colaboradores, é gratificante. A cada experiência vivida, e que percebemos que teve um significado para essas crianças, é um prêmio que nós educadoras conquistamos. A partir do meus objetivos, me empenhei para considerar e valorizar aquelas crianças como sujeitos capazes, participativos, colaborativos e criativos.

As atividades são desenvolvidas cooperativamente, assim a criança não é vista como um ser isolado, mas como parte de uma "comunidade". O trabalho será grande princípio, o motor e a filosofia da pedagogia popular, atividade de onde advirão todas as aquisições. Nessa perspectiva, a atividade traria satisfação, realização de interesse, vontades e necessidades da criança. Desinibidora do ser, fonte de conhecimento propicia a criança, ser ativo, no seu processo de formação, a participação, a cooperação e a capacidade de análise e crítica. Em linhas gerais, a atividade do professor, objetivando a busca em primeiro lugar da liberdade e as características individuais das crianças frente a sua aprendizagem. (MARTINS FILHO, 2005. p.97)

Decidi trabalhar com projetos, pois compreendo que eles contemplam as singularidades das crianças na infância, de forma lúdica, pois é na ludicidade/brincadeira que a criança consegue se expressar.

Considerarei as crianças como sujeitos que são capazes de criar, agir e pensar, e para isso ofereci condições, portanto educar na Educação Infantil significa proporcionar situações, tempos, espaços e materiais para exploração e aprendizagens. Por meio de um ambiente agradável onde atenda às necessidades das crianças, e estas constroem significados do mundo em que vivem

Ao lado de uma criança construtora e de um adulto mais atento a propor possibilidades do que a predefinir os objetivos, entra fortemente em campo o contexto, como a indispensável placenta que cria, alimenta, contém e reflete – modificando-se ao longo do tempo – o curso da ação educativa, dando apoio ao protagonismo das crianças e dos adultos e oferecendo a base necessária para o aparecimento e o desenvolvimento do seu processo construtivo de recíproca relação e evolução. Assim que essa perspectiva toma forma – é claro, não só em palavras, mas também em ações -, as crianças tornam-se imediatamente os protagonistas do seu processo crescimento, expressando sua formidável atitude natural e traduzindo-a em curiosidade sobre o mundo das coisas e das relações e na extraordinária capacidade de estar ativamente nas experiências em que se encontram envolvidas. (FORTUNATI, 2014 p.22).

Seguindo a perspectiva que considera a criança protagonista na formulação dos projetos cabe a nós professoras observar, planejar, organizar situações e pesquisar, atendendo à diversidade do grupo criando um espaço e ambiente desafiador, onde prioriza a participação das crianças e que elas sintam-se a vontade de expressar seus conhecimentos no coletivo e assim confrontando ideias e opiniões, com isso promovemos um espaço de apropriação de cultura e desenvolvimento.

Aqueles que participam de um processo educativo, de fato, trazem seu próprio crescimento e seu desenvolvimento, para dentro do jogo, e fazem isso com base nas próprias expectativas e planos. Há uma reciprocidade relacional constante entre aqueles que educam e aquele que são educados, entre os que ensinam e os que aprendem. Há participação, paixão, compaixão, emoção. Há estética, há mudança. Nesse sentido, gostaria ainda de mencionar o valor da brincadeira, da diversão, das emoções, dos sentimentos, que reconhecemos como elementos essenciais de qualquer processo cognitivo educacional autêntico. Assim, o aprendizado se torna um valor graças a sua força na criação de uma síntese do indivíduo no seu contexto, num relacionamento afetivo entre aqueles que apreendem e aquilo que está sendo ensinado, um relacionamento preenchido com emoção, curiosidade e humor. Para cada um de nós, o ato cognitivo se torna um ato criativo que envolve aceitação da responsabilidade, assim com autonomia um ato de liberdade. O conhecimento – ou melhor, o entendimento subjetivo – se transforma

numa responsabilidade individual e precisa de um senso de otimismo futuro de modo a se realizar toda a sua plenitude. (RINALDI, 2016 p.254).

O projeto “caixa surpresa” possibilitou à minha prática a reflexão do meu trabalho o qual estava exposto e sendo compartilhado com toda comunidade escolar e familiar. Nesse percurso percebi que muitas vezes foi necessário intervir, ouvir e até mesmo me silenciar por não ter respostas e assim pude perceber e permitir o quanto crescemos no grupo, fazendo eu [re]significar as experiências fazendo-me uma docente reflexiva da e na prática.

## REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: Imagem e auto Imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira, HORN Maria da Graça. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre. Artmed, 2008.
- BRASIL. Parecer CNE/CEB 020/2009. Trata da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação; Câmara da Educação Básica, 2009 a.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- CARNEIRO, Angela. **Caixa Surpresa**. 16 ed. Ribeirão Preto, SP. Nova Fronteira. 2014
- CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FORTUNATI, Aldo. Protagonismo das crianças e educação. A experiência de San Miniato e as ideias da pedagogia de Malaguzi. In: FORTUNATI, Aldo (Org.). **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças: Protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo possível**. FORTUNATI, Aldo. Edizioni ETS. 2014.
- \_\_\_\_\_. FUMAGALLI, Giovanni. Quando o espaço entra em relação. O contexto como gerador de experiências possíveis. In: FORTUNATI, Aldo (Org.). **A abordagem de San Miniato para a educação das crianças: Protagonismo das crianças, participação das famílias e responsabilidade da comunidade por um currículo possível**. Edizioni ETS. 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 45ªed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 2013.
- HELM, Judy. A importância da documentação. In HELM, Judy; BENEKE. **O poder dos projetos – Novas estratégias e soluções para a educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2005
- \_\_\_\_\_. HELM, Judy; BENEKE Salle; SCRANTON Pam e DOUBET Sharon. A resposta às necessidades das Crianças. In HELM, Judy; BENEKE. **O poder dos projetos – Novas estratégias e soluções para a educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2005
- HELM, Judy; BENEKE, Sallee e cols. **O poder dos projetos – Novas estratégias e soluções para a educação infantil**. Porto Alegre, Artmed, 2005.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança Pedre Respeito: temas em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (Org). **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Editora Birura, 2012.

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007.

REDIN, Marita Martins. Planejando na educação Infantil com um fio de linha e um pouco de vento. In. REDIN; Fernanda, MULLER; REDIN, Marita M.(orgs.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia: escutar e investigar**. São Paulo. Paz e Terra, 2016.

SALLES, Fátima. FARIA, Vitória; **Currículo na educação Infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta pedagógica**. 2 ed., [ver. E ampl.]. – São Paulo: Ática, 2012.

SMED, Secretária Municipal de Educação, poder executivo – município de Ijuí. **Proposta Curricular da Educação Infantil das escolas da rede municipal de ensino de Ijuí**: Tempo e espaço de ser criança. 2014. Ijuí: SMED. 84p